

DOROTHY KOOMSON

o outro amor da vida dele

Pode um novo amor
apagar uma grande paixão?

Tradução de Irene Ramalho

prólogo

28 de fevereiro de 2003

És tu? És a mulher com quem ele está agora? Foi por isso que vieste à minha procura?

Se não estás a ler esta carta daqui a cinquenta ou sessenta anos, o mais provável é que eu já esteja morta. Provavelmente fui assassinada.

Por favor não deixes que isso te perturbe, provavelmente não foi uma surpresa assim tão grande para mim. Não com a vida que vivi. Mas se estás na posse destes diários porque vieste à minha procura, e se foste inteligente o suficiente para pensar como eu e os encontrares, ou mesmo se deste com eles por acaso, posso pedir-te um grande favor? Podes queimá-los sem os ler? Por favor?

Não quero que mais ninguém saiba estas coisas. Escrevi-as para mim própria. Sei que provavelmente devia queimar os diários, mas seria como cometer suicídio, como matar uma parte de mim própria. E, apesar de tudo o que fiz e de tudo aquilo por que passei, nunca seria capaz de me suicidar, por isso não posso destruir estes diários. Talvez tu possas.

Digo "talvez" porque se estás com o Jack deves querer saber mais sobre ele, deves querer saber se realmente é perigoso e se foi ele quem me assassinou, por isso, embora não queira que o faças, não te posso culpar por continuares a ler.

Não tenho muito mais a acrescentar, salvo que espero que não tenhas pena de mim. Vivi uma vida e embora tenha conhecido muita dor, também conheci muito amor. Algumas pessoas podem viver muito, muito tempo sem nunca chegar a viver essa experiência. Tenho muita sorte.

Desejo-te felicidades, quem quer que sejas.

Com amor,

Eve.

capítulo um

libby

Quando penso no Jack, tento lembrar-me de caminhar com as pernas bamboleantes depois de sair aos tropeções da minimontanha-russa ao fundo do Brighton Pier. Tento recordar-me de estar deitada em cima de uma manta velha numa praia de seixos a comer tufos do algodão-doce coladiço que ele me leva à boca. Tento lembrar-me de sentir enfiarem-me mãos-cheias de pipocas por dentro da camisa na fila da frente do cinema. Tento lembrar-me de rir às gargalhadas até ficar sem fôlego e tolhida de dor, com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto.

– Libby, Libby, vá lá, acorde. Não adormeça ainda.

A voz é meiga, insistente e ligeiramente implorante. Ao abrir os olhos só vejo uma forma indistinta. Vejo o homem da voz suave e suplicante um pouco desfocado, e pestanejar parece não me aclarar a visão. Tenho o rosto molhado e sinto-me zozna, e tenho tanto frio. E dói-me tudo ao mesmo tempo.

– Linda menina – diz ele. – Tente manter os olhos abertos, está bem? Tente manter-se acordada. Sabe quem eu sou? Lembra-se de mim?

– *Sam* – digo eu, embora não me pareça estar a emitir sons com as minhas palavras. – *É bombeiro, por isso chama-se Sam.*

Agora já o vejo com mais nitidez. A névoa está a diminuir e já consigo distinguir-lhe as feições, por isso vejo o sorriso dele a romper-lhe as sombras do rosto.

– Também serve – diz ele.

– *Vou morrer?* – pergunto-lhe. Mais uma vez, não tenho a certeza de estar a emitir palavras com som, mas Sam, o Bombeiro parece entender-me.

– No que depender de mim, não – diz ele, e volta a sorrir. Se não fosse tão parecido com o meu irmão, se não tivesse os contornos suaves do rosto dele, a sua pele castanho-escuro e os seus olhos brilhantes, quase negros, até poderia vir a sentir um fraquinho por ele. Mas é o que tende a acontecer com os heróis, não é? Estamos destinados a apaixonar-nos por eles.

– *O carro vai explodir?* – pergunto eu, mais por interesse que por receio.

– Não. Isso só acontece nos filmes.

– *Isso foi o que eu disse ao Jack. Acho que não acreditou em mim.*

– Fale-me dele.

– *Do Jack?*

– Sim. Há bocado estava a falar-me dele.

– *O Jack...*

Quando penso no Jack, tento não pensar no armário trancado e sem chave que existe na cave da casa que julgava ser o nosso lar. Tento não pensar nele encolhido no escuro, sozinho, a chorar enquanto vê filmes antigos. Tento não pensar em estar diante dele à mesa de jantar a perguntar-me quando teria começado a vê-lo como um estranho. E tento não indagar quando irá o tempo estender-lhe os seus braços reparadores e fazê-lo sentir-se inteiro para que possa verdadeiramente abrir-me o seu coração.

– Então Libby, Libby, vá lá. Fale-me do seu marido.

– *Consegue ouvir-me?* – pergunto eu ao Sam, o Bombeiro, pois fascina-me que pareça ser capaz de me ouvir quando eu própria não me ouço.

– Sei ler lábios.

– *Saiu-lhe cá uma rifa, não foi? Ficou com a parte chata, foi o que foi.*

– Não é nenhuma estafa.

– *Uma rifa. Eu disse uma rifa. Afinal não sabe ler lábios, pois não? Só inventou isso para poder ficar no carro. Assim sempre evita o trabalho pesado.*

Ele sorri outra vez.

– Apanhou-me. Não pensei que fosse tão óbvio.

– *Ser óbvio é bom, às vezes.*

– Onde íamos nós: o Jack?

– *Agrada-lhe? É por isso que insiste em falar dele?* – pergunto eu. – *Posso interceder por si junto dele, se quiser.*

Sam, o Bombeiro, ri-se, uma gargalhada sonora e gutural.

– Tenho quase a certeza de que não faço o género dele. E tenho a certeza absoluta de que ele não faz o meu.

– *Ahhh, deixe-se disso. Não devia ter vistas tão curtas. Quando o conheci também não fazia o meu género, e olhe para nós agora: ele com uma esposa morta e outra a caminho.*

– A Libby não vai morrer – diz ele em tom de censura. Ficou zangado comigo. De repente sinto-me exausta. Sinto dores por todo o corpo, sobretudo num dos lados da cabeça, e do nariz. Na verdade todo esse lado do meu corpo me dói e não consigo movê-lo como deve ser. E tenho frio. Apetece-me imenso dormir para afugentar as dores e o frio. Durante o sono não se sente dores, pois não?

– Libby, Libby, *Libby!* – diz ele outra vez. – Mantenha-se acordada, por favor. O Jack está à sua espera. Recusa-se a ir para o hospital até saber que está bem. Vai correr tudo bem.

– *O Sam é muito simpático* – digo-lhe eu. É tão simpático que não quero preocupá-lo, queixando-me das dores. Não deve querer ouvir as minhas lamúrias. Só quero dormir. Só quero fechar os olhos e adormecer...

– Os rapazes vão começar a desencarcerá-la não tarda nada, Libby. Depois disso vai logo para o hospital, onde cuidarão de si, está bem? Mas preciso que se mantenha acordada enquanto eles fazem o seu trabalho. Está a ouvir-me Libby? Compreende o que lhe estou a dizer?

– *Compreendo tudo* – digo eu. – *Sou a pessoa mais compreensiva do mundo. É só perguntar ao Jack.*

– Dentro de poucos segundos vai haver muito barulho. Preciso que fique acordada enquanto isso acontece, está bem?

– *Ficar acordada.*

O mundo à minha volta grita. O meu carro berra-me. Estão a retalhá-lo, a arrancá-lo de cima de mim. Está a gritar em agonia e quer que a dor acabe. E eu quero que o barulho acabe. Quero dormir. Só quero dormir. Fecho os olhos e deixo tombar a cabeça.

Quando penso no Jack, tento lembrar-me de como costumávamos dormir: os nossos corpos eram como duas peças de um *puzzle* vivo, encaixadas de forma tão perfeita que os espaços entre nós pareciam truques da imaginação. Tento não pensar na época em que comecei a perguntar-me,

quando íamos para a cama à noite, se ele desejava por um só momento que eu fosse outra pessoa.

Quando penso no Jack...

* * *

Julho de 2008

– Acho que você e este carro vão ser muito felizes juntos – disse-me o Gareth. Tratava-se de um daqueles homens que são os nossos melhores amigos enquanto estamos sentadas diante deles a ser convencidas a separarmo-nos do nosso dinheiro, mas se passarmos por ele num *pub* ou num clube noturno não só nos ignora, ele e os amigos (todos já com idade para terem juízo), como ainda faz pouco de nós. Critica a nossa aparência, o nosso peso, o nosso estilo, porque claramente não estamos à altura do ideal de estrela porno que ele tem na cabeça.

Pode dizer-se que ao fim de uns meros quarenta minutos na sua companhia já não podia com ele.

Enrolei os lábios para dentro da boca e forcei um sorriso. Queria passar aquela parte à frente. Queria pagar a entrada, dar-lhe os meus dados e sair dali – com um pouco de sorte, para nunca mais voltar, pois podia pedir que me entregassem o carro em casa após completar o pagamento por telefone com cartão de crédito.

Os meus olhos deambularam até à montra do salão de vendas e até ao Polo azul-Pacífico no átrio. Parecia cintilar, destacar-se entre todos os outros monstros cinzentos, pretos, vermelhos e prateados. Tinha um ar quase majestático e ao mesmo tempo discreto.

O Gareth estava outra vez a falar, por isso tornei a virar-me para ele e forcei-me a prestar-lhe atenção. De certa forma tinha perdido o interesse em tudo o resto depois de deslizar pelo interior macio de couro bege e de dar uma volta com ele. O meu primeiro carro. Passara no exame de condução duas semanas antes e aquele era o primeiro carro que me imaginava a conduzir e que podia pagar. Tivera de regatear bastante porque não tinha nenhum veículo para dar em troca, mas ele valia bem todo aquele esforço.

– Agora, Libby, deseja o tratamento interior e exterior para proteger o carro? Seria útil com crianças. Evita que bebidas e outras coisas estraguem aqueles fantásticos estofos de couro. E aquele ar salgado de Brighton...

– Gaz, *my man!* – interrompeu alguém. Olhei para o recém-chegado, que estava a poucos centímetros de mim. Mesmo no interior do edifício usava uns grandes óculos de sol de lentes negras estilo aviador. Não precisei de mais nada para lhe tirar a pinta. Tudo o resto – o porte atlético, o cabelo louro-escuro ondulado, o rosto bem arranjado, o grosso anel de ouro no terceiro dedo da mão direita, a camisa Ralph Lauren, as calças de ganga Calvin Klein e o relógio de pulso Tag Heuer – eram aspetos inconsequentes diante do facto de que usava óculos de sol dentro de portas.

O Gareth pôs-se de pé num salto, com o rosto dominado por um grande sorriso e um brilho renovado nos olhos.

– Jack! Que bom ver-te. – Estendeu avidamente a mão para que o tal de “Jack” a apertasse, excitado com a oportunidade de ser tocado por ele. Já assistira a paixonetas entre homens, mas aquilo era tão evidente que chegava a ser constrangedor. Imaginei o Gareth sozinho em casa, à noite, sentado à beira do telefone, pacientemente à espera da chamada em que o Jack o convida a sair para beberem umas taças de champanhe e apalparem mulheres bonitas.

– Preciso da tua ajuda, companheiro – disse o Jack, afável. Se não se conhecesse o género, poder-se-ia pensar que o “Jack” simpatizava genuinamente com o Gareth quando, na realidade, devia tratar quase toda a gente com indiferença e até desdém. Estava patente na testa e na postura dele.

– Só um minuto – atirou o Gareth na minha direção enquanto o Jack lhe passava um braço por cima dos ombros e o afastava da secretária.

– Gareth, voltei a fazer asneira. Queria saber se podes pedir a um dos rapazes para reparar as amolgadelas do Z4. Ainda hoje, se possível. Na oficina da marca ficou para a semana que vem, mas eu sabia que podia contar contigo para ter a coisa pronta hoje ou amanhã.

– Sim, claro – foram as últimas palavras que ouvi o Gareth dizer antes de atravessarem o resplandecente salão de vendas branco e cromado.

Virei-me no assento e fiquei a vê-los conversar ao pé do grande balcão curvo da receção: o Jack, bastante mais alto que o Gareth, de pernas afastadas e sempre de óculos de sol, fazia gestos grosseiros na zona do peito, uma referência óbvia aos seios de uma mulher. O Gareth bebia avidamente cada palavra, de olhos sôfregos, atentos. Eu tinha tirado todo o dia de folga para vir ali comprar aquele carro. O Jack, que provavelmente nem

sabia o que era trabalhar, entrara por ali sem avisar e arranjava maneira de fazer com que tratassem do seu problema de imediato.

Voltei a olhar para o meu carro. A minha pequena preciosidade. Adorava-a, mas não o suficiente para ser tratada daquela forma. O que não faltavam era *stands* de automóveis muito mais perto de casa onde podia sentar-me e ser ignorada antes de me desfazer de uma elevada soma de dinheiro. Infelizmente para o Gareth, embora já lhe tivesse posto o meu cartão de débito nas mãos, ele ainda não o tinha passado pela ranhura da máquina, o que significava que ainda podia sair dali sem perder nada a não ser algum tempo. Levantei-me, retirei a minha carta de condução e o meu cartão de débito do meio dos papéis espalhados pela secretária e enfié-os na mala, que pendurei ao ombro com um gesto decidido. O Gareth que fizesse esperar outro papalvo qualquer; esta já esperara tempo de mais e estava de saída.

Lançando a ambos um olhar de puro desprezo, marchei para a porta e abri-a.

– Libby? – chamou o Gareth atrás de mim. – Hum, espere. É só um minuto.

Quando a minha mão voltou a tocar na porta virei-me para trás, lancei-lhe outro olhar carregado de desprezo por cima do ombro, e saí.

Lá fora fazia calor, mas a atmosfera carregada com a promessa de chuva pesava-me nos ombros. Inspirei fundo e arrisquei um último olhar melancólico ao meu carro antes de atravessar o largo caminho de acesso do salão de vendas até à movimentada estrada principal. Virei à direita, na direção da paragem do autocarro. Sentia-me indignada e triste: indignada pela forma como o Jack entrara por ali e interrompera a nossa conversa sem pensar duas vezes, e triste porque a minha impulsividade me impedira de comprar o carro de que realmente gostava. Ahhh! Lá teria de recomençar a busca (depois de enfrentar a longa viagem de autocarro, de comboio e novamente de autocarro até chegar a casa). Que rico dia de folga, sim senhor.

– Libby, Libby! – chamou a voz de um homem.

Não tinha de me virar para trás para saber quem era. Segundos depois ele apareceu no meu caminho, impedindo-me de continuar a andar. Ainda trazia os óculos escuros.

– Lamento imenso aquilo de há pouco – disse ele. – É que eu...

– Não sentiu a necessidade de esperar pela sua vez porque só lá estava uma mulherzinha insignificante e você é tão incrivelmente importante que as suas necessidades vêm sempre em primeiro lugar? – perguntei.

O choque foi tal que ele tirou os óculos de sol e ficou pasmado a olhar para mim.

– Não sei bem como responder a isso, se quer que lhe diga – admitiu ele.

– Talvez não haja resposta, *Jack* – retorqui.

Fez um ar ainda mais pasmado: obviamente não estava habituado a que lhe respondessem naquele tom.

– Talvez um pedido de desculpas seja a resposta apropriada – sugeri eu.

Encolhi os ombros.

– Talvez.

– Desculpe. O que eu fiz foi inqualificável. Não devia ter interrompido a sua reunião, e só posso lamentá-lo.

Havia uma nota desagradável naquele pedido de desculpas: proferira-o de forma a que as palavras estivessem tecnicamente corretas e o seu tom de voz adequadamente contrito, mas cobrira tudo de ridículo. Estava a fazer pouco de mim. Provavelmente fazia sempre o mesmo em relação a tudo e safava-se porque a maioria das pessoas ficava sem saber se estava mesmo a ser sincero ou se eram elas que estavam hipersensíveis.

– Já acabou? É o melhor que sabe fazer? Uau, espero que nunca tenha de pedir desculpas no emprego, porque não tem talento nenhum para isso – disse-lhe eu. – E se a sua intenção era fazer pouco de mim com subtileza, então ainda tenho mais pena de si do que há pouco, porque então para isso é que não tem mesmo talento nenhum.

Contornei-o e continuei a minha caminhada rumo à paragem do autocarro.

Quando avistara o pequeno carro no átrio do salão de vendas imaginara-me a conduzi-lo com o som do rádio bem alto, as janelas escancaradas e a minha voz a misturar-se com as dos cantores na rádio. Estar presa no trânsito não seria tão mau porque estaria segura no meu pequeno casulo. Agora, graças à arrogância daquele homem e ao meu orgulho, teria de recomeçar a procura do zero.

E lá estava o Jack outra vez. À minha frente, no meu caminho.

– O que quer agora? – perguntei.

– Ouça, lamento sinceramente – disse ele. – O Gareth perdeu uma venda por causa da forma como me comportei. Não é justo para ele que a minha visita lhe tenha potencialmente custado o ganha-pão.

– O ganha-pão? – repeti, manchando o meu tom com o tipo de sarcasmo que parecia ser a imagem de marca dele. Não era coisa que me agradasse, mas aquele homem estava claramente a pedir que descessem ao nível dele. – O *ganha-pão* dele depende inteiramente da venda de um só carro?

– Não, mas não é bom perder clientes no atual clima económico. E ainda será pior para ele se você andar por aí a fazer publicidade negativa. E tudo por minha culpa. Sinto muito. A sério. Por favor, pode dar outra oportunidade ao Gareth? É apenas um tipo decente a tentar ganhar a vida. Fui um idiota por ter feito pouco caso de um assunto sério.

– Dessa última parte não posso discordar.

– Por favor, dê-lhe outra oportunidade.

A ideia de conduzir aquele carro de janela aberta, rádio ligado, a cantar a plenos pulmões, dançava-me na cabeça. Desta vez o Gareth seria mais simpático. Deixaria de tentar vender-me extras e concentrar-se-ia em fazer-me assinar por cima da linha pontilhada o mais depressa possível. E eu adorava aquele pequeno veículo...

– *Estás sempre a prejudicar-te por despeito* – dizia-me muitas vezes a Angela, a minha melhor amiga. – *Nunca conheci uma mulher tão teimosa como tu. Mesmo quando não é do teu interesse és capaz de fazer qualquer coisa só para marcar uma posição. Às vezes, querida, tens de te deixar levar pela corrente.*

Carro *versus* Mandar aquele homem a uma certa parte?

Na realidade só havia uma opção.